

A Planta Sagrada com Potencial de Vencer Preconceitos Através da Cura

The Sacred Plant with the Potential to Overcome Prejudices Through Healing

Telma Florio

Especialização Cardiologia de Pequenos Animais, Universidade Anhembi Morumbi

Bolsista, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

 telma.florio@unifesp.br

 <https://orcid.org/0000-0002-7415-8439>

Jackeline Barbosa

Doutorado em Ciências Médicas, Universidade Federal do Rio Janeiro

Pesquisadora, Consórcio Nacional de Canabinologia, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

 jbdespro@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-4707-2891>

 <https://doi.org/10.29327/2206789.19.33-10>

 Publicado em acesso aberto sob uma licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) 

Resumo

Considerando a necessidade de descrever o uso medicinal da Cannabis sativa, associada a pandemia pelo Covid-19, apontamos a importância social e ambiental sobre a temática, com vistas a reduzir a falta de informação sobre a substância. Diante do cenário de preconceito em relação à Cannabis, conclui-se que são inúmeros os dados históricos sobre o consumo da substância, além dos consistentes estudos sobre o seu uso medicinal, porém ainda há a necessidade da mudança de estratégias que sirvam de base à formação de profissionais, principalmente das áreas de saúde, para serem aplicados nas práticas futuras de intervenção junto aos usuários de Cannabis medicinal, bem como na implementação de políticas públicas de educação, direitos humanos e promoção da saúde.

Palavras-chave: cannabis sativa, covid-19, direitos humanos, educação

Abstract

Considering the need to describe the medicinal use of Cannabis sativa, associated with the Covid-19 pandemic, we point out the social and environmental importance of the subject, with a view to reducing the lack of information about the substance. In view of the scenario of prejudice in relation to Cannabis, it is concluded that there are several historical data on the consumption of the substance, in addition to consistent studies on its medicinal use, but there is still a need to change strategies that serve as a basis for formation of professionals, mainly in the health area, to be applied in future intervention practices with medical Cannabis users, as well as in the implementation of public policies for education, human rights and health promotion.

Keywords: cannabis sativa, covid-19, human rights, education

Recebido em 06/01/2023

Aceito em 26/03/2023

Publicado em 31/03/2023

Cannabis Espiritual

A constatação da fragilidade, em que a vida de todos se vê ameaçada por um vírus que prenuncia com a interrupção da jornada física, temos a certeza de que somos peças importantes na vida do universo e sentimos vibrar em nós a vontade de recuperar o tempo perdido. E para alcançá-lo, precisamos vivenciar a justiça, o amor e a ciência. E diante dos cataclismas físicos ou morais somos abalados pelo convite à vida, pela vontade de nos elevarmos, pela atenção, compaixão e solidariedade de nossos semelhantes (Coelho, 2020).

A espiritualidade convoca-nos para algo que é essencial e que estamos perdendo nos tempos atuais, a reverência para com a natureza e todas as criaturas. Ela nos ajuda a repensar nossa postura no mundo, a reconduzir o nosso olhar e suscitar uma nova atenção e sensibilidade (Krenak, 2019, pp. 30-31). O autor explica que:

[...] há centenas de narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam mais do que aprendemos nessa humanidade. Nós não somos as únicas pessoas interessantes no mundo, somos parte do todo. Isso talvez tire um pouco da vaidade dessa humanidade que nós pensamos ser, além de diminuir a falta de reverência que temos o tempo todo com as outras companhias que fazem essa viagem cósmica com a gente (Krenak, 2019, pp. 30-31).

Indubitavelmente, a mediunidade é um problema dos mais sugestivos na atualidade do mundo. Aproxima-se o homem terreno da Era do Espírito, sob a luz da Religião cósmica do amor e da sabedoria e, de certo, precisa de cooperação, a fim de que se habilite o entendimento (Xavier, 2000, pp. 5).

A humanidade, em sua maioria, precisa desenvolver sua consciência mais lúcida e deixar o estado evolutivo ainda tão identificado com a realidade material. Precisamos refletir sobre uma orientação espiritual que diz: O que está ocorrendo neste momento faz parte de um processo de regeneração do planeta e reflete a grande necessidade de mudança no estilo da vida humana. O planeta está trabalhando na limpeza que há tanto tempo as profecias falam, não apenas em si, mas nas diversas camadas existenciais ainda tão pouco conhecidas devido à arbitrariedade da maioria em exigir e fixar-se na ilusão de que a vida seja tão somente material (Gomes, 2020).

A Cannabis pode ser a chave para uma nova compreensão de si mesmo, do universo e de Deus. É o veículo para a consciência cósmica, ele nos apresenta a níveis de realidade que normalmente não são percebidos e desenvolve um certo senso de fusão com todos os seres vivos estando perfeitamente em harmonia com este “novo” modo. Ela pode mostrar como se sentir e se mover nesta matriz de energia interconectada sem a muleta dos padrões habituais e as suposições de segunda mão da mente egóica que conceitualiza (Gray, 2016, pp. 72).

O uso da Cannabis como tratamento de saúde vem sendo utilizado desde os primórdios da medicina. Nas culturas antigas mais avançadas como a chinesa, egípcia e indiana, a cannabis sempre esteve relacionada à cura e ao bem-estar. Dos textos médicos milenares, até Deuses como o hindú Shiva e a egípcia Sechat, a planta sempre foi utilizada para a medicina e até para o uso social (Rosato, 2021). A prova da ingestão da Cannabis sativa mais antiga que se tem são as fezes fossilizadas de um membro de nossa espécie que contêm claramente vestígios de pólen de Cannabis. Este coprólito foi achado às margens do lago Baikal, localizado na Ásia Central, e datado em 10 mil anos (Luz, 2014).

O livro de medicina mais antigo que se conhece, o Pen-Ts'ao Ching, remonta há 4 mil anos e fala do uso mágico das inflorescências femininas da Cannabis, “se tomada em excesso produzirá a visão de demônios. Se tomada durante muito tempo ilumina seu corpo e o faz ver espíritos” (Luz, 2014). Há 3.500 anos, o Atharva veda, livro sagrado dos Hindus, também se referia à Cannabis na forma de Bhang⁴³, usado para libertar da “aflição” e para “alívio da ansiedade”. Ainda hoje o Bhang é consumido livremente em algumas partes da Índia pelos recém-casados na noite de sua Lua-de-mel, como afrodisíaco. A religião hinduísta acredita que a Cannabis é um presente dos Deuses. De

⁴³ Preparação que incluía a resina da Cannabis misturada com manteiga e açúcar (Luz, 2014).

fato, diz-se que a planta teve origem quando Shiva, uma das personalidades de Deus na tríade dessa religião, chegando a um banquete preparado por sua esposa Parvati, saliva ao ver tantas delícias e de sua saliva surge a planta abençoada (Luz, 2014).

As qualidades medicinais da Cannabis estão descritas em escrita cuneiforme num dos livros mais antigos da humanidade e que fazia parte da Biblioteca de Assurbanipal há 2.700 anos. Este livro pode ser visto hoje no British Museum em Londres (Luz, 2014). Os Shaivas, devotos de Shiva, fumam continuamente a Cannabis, a planta feminina com o charas⁴⁴, para meditem e se elevarem espiritualmente. Eles consideram que o chillum⁴⁵, é o corpo de Shiva, o charas é a mente de Shiva, a fumaça resultante da combustão da planta é a divina influência do Deus e o efeito desta, sua misericórdia (Luz, 2014).

Médicos árabes medievais chamados kannab e muçulmanos muitas vezes se referem à erva como a planta sagrada. Os sufis e os místicos muçulmanos utilizavam o haxixe para apreciar a natureza de Deus e estimular sua consciência mística. O povo profundamente espiritual Sufi acreditava que a cannabis entregou uma profunda visão sobre si mesmo que ajuda a abrir a mente para um despertar espiritual. A cultura chinesa considerou a cannabis como um libertador do pecado e foi ensinada a cultivar cânhamo no século 28 aC por Shen Yung, o pai da medicina chinesa. Taoístas no século I dC, na China, acrescentou cânhamo ao seu incenso como um meio para alcançar a imortalidade relatando uma exaltação mística (Gray, 2017, pg. 72).

O caráter sagrado do Cânhamo nos tempos bíblicos é evidente em Êxodo 30: 22-23, onde Moisés foi instruído por Deus a ungir a tenda do encontro e todo o seu mobiliário com óleo especialmente preparado, contendo cânhamo. A unção separou as coisas sagradas da laica. A unção de objetos sagrados era uma tradição antiga em Israel, o óleo sagrado não deveria ser usado para propósitos laicos, acima de tudo, o óleo da unção era usado para os ritos de instalação de todos os reis e sacerdotes hebreus. O termo *kaneh bosm* referido no Velho Testamento (Êxodo 30: 23) significa cânhamo (incenso), sendo, porém, traduzido por cálamo. O autor também lança a questão se Jesus Cristo utilizava componente de cânhamo em seu óleo milagroso (Kapkin, 2016).

Com a islamização do norte da África, a planta se espalha rapidamente por este continente e breve não só os povos islamizados dela fazem uso entusiástico como também as tribos animistas do resto da África. Um rei africano apresentado à erva,

⁴⁴ A resina das flores femininas da Cannabis (Luz, 2014).

⁴⁵ O cachimbo onde a planta Cannabis é fumada (Luz, 2014).

converte-se a seu culto e a tribo passa a se chamar Bena Riamba – “os irmãos da Cannabis”. Todo dia ao pôr-do-sol, os membros desta tribo se reúnem em roda no pátio central da aldeia para fumar a planta. Antes de passar o cachimbo, olham-se nos olhos dizendo: “Paz, irmão da Cannabis”. Representantes desta tribo são até hoje encontrados na costa sul de Moçambique, assim como os Bena Riamba, muitas outras tribos se convertem ao uso da planta, incorporando-a em destaque no seu panteão. A palavra maconha, vem de Ma Konia, Mãe Divina, num dialeto da costa ocidental africana. (Luz, 2016).

Dentro da África do Sul a cannabis tem sido mantida como uma planta sagrada que detém a proteção universal completa. A famosa religião do rastafarismo, estabelecida no final da década de 1920, é fortemente influenciada pela cultura africana e o uso da Cannabis para despertar introspectivamente os ensinamentos de Deus. Rastafáris acreditam que fumar a erva vai queimar a corrupção do coração humano, sendo também um sólido símbolo de paz e amizade. Eles também são a seita espiritual mais moderna que ainda utiliza Cannabis como um veículo para a compreensão do nosso relacionamento humano com um poder superior (Pomari, 2018).

Nas décadas de 20 e 30 deste século, são produzidos os primeiros trabalhos científicos brasileiros acerca do hábito de fumar maconha. Apesar de seus autores serem em sua quase totalidade, médicos preocupados em justificar a proibição da planta, estes tinham um olhar etnográfico sensível, descrevendo com minúcias os rituais do “clube de diambistas”, nome dado à associação de indivíduos com o intuito de fumar Diamba. Os diambistas eram, preferencialmente, membros dos estratos mais baixos da população brasileira, em especial pescadores que se reuniam para fumar a erva cantando loas a esta. Até a década de 30 do século XX, quando são legalizados os Candomblés e Xangôs, a Cannabis era constantemente apreendida nos terreiros junto com os objetos de culto. A Cannabis é considerada planta Exú, sendo consagrada a esta divindade (Luz, 2014).

Hoje, após milhares de anos de evolução, as novas tecnologias disponíveis e as pesquisas atuais comprovaram cientificamente o que já sabemos há milênios: que a cannabis é a principal fonte natural dos fitocanabinoides, tão necessários à homeostase do nosso organismo e à felicidade do ser humano. E que a planta sempre foi e continua sendo um dos maiores recursos medicinais que a natureza já criou (Rosato, 2021). “Eu sou Jeová teu Deus, eis que te dou toda a planta que há sobre a terra, e que dá semente

nela mesma, para que fazeis bom uso dela.” - Gênesis (Luz, 2014). Todos os dias presenciamos um avanço extraordinário da ciência, ao mesmo tempo em que experimentamos um novo e enorme crescimento das práticas da chamada medicina tradicional. Seja com a cannabis e outras substâncias naturais como a psilocibina, ou nas práticas médicas mais ancestrais como a acupuntura e a medicina ayurveda, cada vez mais pessoas buscam tratamentos naturais em alternativa aos produtos químicos, com resultados fantásticos e transformadores (Rosato, 2021).

É maravilhoso podermos presenciar tantos avanços e progressos simplesmente por estarmos nos reconectando ao passado, às nossas raízes e a aquilo que nos une a tudo que existe: universo e natureza (Rosato, 2021). Quanto tempo e dinheiro já desperdiçamos nessa busca quixotesca, enquanto esquecemos de utilizar tudo aquilo que já nos foi dado naturalmente e em plena abundância? Quantas plantas já foram extintas sem nunca termos estudado suas propriedades medicinais? Quanto do nosso conhecimento já não foi perdido ou simplesmente esquecido? (Rosato, 2021). Caminhamos assim para o fim da nossa adolescência evolutiva, onde se desafiam as leis da lógica e da natureza, empenhando-se em criar sinteticamente algo melhor e mais genuíno do que o universo criou com seus infinitos anos de evolução (Rosato, 2021).

O Ser e seu Ambiente

A estrutura mental tem a capacidade de pensamento, de abstração, de criação, de comunicação sofisticada, de emoção elaborada e toda uma série de características que tornam o ser humano realmente diferente dos demais seres vivos e ainda ocupa o “topo da hierarquia na Terra”. É claro que tais capacidades podem ser utilizadas tanto para o bem quanto para o mal, pois assim como o homem tem o poder de construir coisas maravilhosas, também possui o maior potencial destruidor entre todos os animais, e, infelizmente, isso tem sido provado dia a dia (Silva, 2003, pp 192).

O Brasil entrou em estado de alerta, registrando um recorde de alertas de desmatamento: 58 mil hectares, equivalentes a 75 mil campos de futebol, foram destruídos, somente no mês de abril de 2021. Esse número aponta um agravamento de 43% de área desmatada quando comparado a abril de 2020 e é a maior área de alertas da série histórica (Martins, 2021). Promessas vazias de proteção à Amazônia e discursos de leis de fiscalizações mais rígidas que vão de total desencontro à realidade brasileira,

onde a legalização da grilagem, que segue em avaliação no Senado, à lei que acaba com o licenciamento ambiental no Brasil, aprovada pela Câmara, são decisões que ameaçam a floresta, as populações indígenas e comunidades tradicionais que lá habitam, ao invés de protegê-las (Martins, 2021).

Em nossas interações com os animais selvagens, domésticos, de fazenda e comensais, patógenos de origem animal hoje bem conhecidos foram importados: do consumo de carcaças abandonadas e da caça importamos as tênia e, provavelmente, a hepatite e a poliomielite através da caça e consumo dos nossos parentes mais próximos, os primatas. Os animais de companhia nos trouxeram a raiva. Do contato com animais de fazenda importamos o sarampo, a Salmonella, a varíola (talvez a doença mais terrível que já existiu, e que afortunadamente foi erradicada quarenta anos atrás) e o anthrax (que se tornou famoso por seu possível uso como arma biológica); os comensais nos trouxeram a peste bubônica, a hantavirose e o tifo epidêmico (Alonso & Paim, 2020).

Naturalmente, o contrário também é verdade: muitas doenças infecciosas humanas também podem ser transmitidas aos animais. No final do século 19, após a revolução industrial, o ritmo de desenvolvimento industrial ultrapassou a expansão agrícola. Muitos avanços surgidos naquela época, como vacinas, antibióticos, saneamento básico e melhorias nos padrões de vida e nos cuidados com a saúde permitiram o controle de muitas doenças infecciosas que nos assombravam até então, proporcionando a muitos a possibilidade de uma vida mais longa e saudável. Foi tal o sucesso que, no final da década de 1960 houve um surto de otimismo, com a crença de que as doenças infecciosas em breve seriam coisa do passado (Alonso & Paim, 2020).

Cientistas e formuladores de políticas precisam tratar a fronteira rural de forma mais holística, abordando questões de saúde pública, meio ambiente e desenvolvimento sustentável em conjunto. Na esteira da pandemia COVID-19, muitos cientistas e conservacionistas enfatizaram a redução do comércio de animais selvagens, uma indústria que vale cerca de US\$ 20 bilhões por ano na China, onde as primeiras infecções por coronavírus apareceram. A China suspendeu temporariamente seu comércio, a indústria é apenas uma peça em um quebra-cabeça maior que envolve caça, pecuária, uso da terra e ecologia (Tollefson, 2020). A maioria dos esforços para evitar a disseminação de novas doenças tende a se concentrar no desenvolvimento de vacinas, diagnóstico precoce e contenção, mas é como tratar os sintomas sem abordar a causa

básica, o COVID-19 ajudou a esclarecer a necessidade de investigar o papel da biodiversidade na transmissão de patógenos (Daszak et al., 2020).

A chave é alinhar os esforços do governo e das agências internacionais com foco em saúde pública, saúde animal, meio ambiente e desenvolvimento sustentável. O último surto de Ebola, teve suas raízes não apenas em doenças, mas também no desmatamento, mineração, instabilidade política e movimento de pessoas. O objetivo deve ser concentrar recursos nas áreas mais arriscadas e gerenciar interações entre pessoas e animais, tanto selvagens quanto domésticos (Tollefson, 2020). Os ecologistas devem trabalhar com pesquisadores de doenças infecciosas, profissionais de saúde pública e médicos para acompanhar as mudanças ambientais, avaliar o risco de cruzamento de patógenos e reduzir as atividades humanas de risco.

Sonho Para Adiar o Fim do Mundo

Um sonho para adiar o fim do mundo, seria resgatar essa combinação espiritual com a natureza, promover a sabedoria das plantas medicinais, alimentos realmente nutritivos e terapias naturais de forma holística, como reconhecimento aos nossos ancestrais. Buscar através da educação fundamental, técnica e científica a conexão na prática com o meio ambiente e suas formas de preservá-las. Desenvolver técnicas integrativas com o coletivo, principalmente a comunidade vulnerável, potencializando esses conhecimentos e dar ferramentas para mudar um sistema linear, onde nos aprisionam no ciclo da degradação do corpo, mente e alma, a partir de uma única planta, um “Presente dos Deuses”.

A Cannabis hoje vem sendo usada largamente em diversos países desenvolvidos e avançados como Israel, EUA e Canadá, como uma grande estratégia terapêutica, centenas de pesquisas no mundo vêm provando os efeitos analgésicos, anticonvulsivantes, anti-inflamatórios, antieméticos, imunomoduladores e antidepressivos que o ser humano, em toda sua sabedoria, já conhece há milhares de ano (Rosato, 2021). Com tantas evidências de sucesso, os governos, mesmo os mais conservadores, vêm ampliando o acesso e incentivando os investimentos em pesquisa e na sua produção. O Brasil, com todo seu potencial agrícola e carência econômica e social está há mais de duas décadas em atraso, nosso dever é trabalhar para avançar e colocar nosso país na

rota do desenvolvimento, trazendo melhorias na saúde da população e gerando emprego e renda (Rosato, 2021).

Hoje temos as tecnologias necessárias para validar todo esse nosso conhecimento ancestral, desde testes de DNA que analisam o indivíduo em seus mínimos detalhes às inúmeras pesquisas mundo afora. Esses indicadores validam e consolidam todo esse conhecimento da medicina tradicional. Através de estudos e pesquisas científicas, países tem mudado preconceitos profundamente enraizados em nossa sociedade e nos provendo de informação para podermos lutar contra a maciça cultura da desinformação que, ainda hoje, é o maior obstáculo desse mercado (Rosato, 2021). É chegada a hora de os profissionais de saúde entenderem, de uma vez por todas, que o objetivo final de seu trabalho é o bem-estar do coletivo, ter em mente que conhecimentos, e principalmente a troca amigável deles, obedecem a uma equação somatória e não de divisão de poder (Silva, 2013, p. 192).

Vemos que existe um movimento positivo da sociedade, dos pacientes e de um pequeno rol de médicos e profissionais que atuam com a terapia canabinoide e que lutam todos os dias para democratizar os benefícios da planta. Hoje, em uma sociedade democrática de direito não podemos mais calar a voz da sociedade. Está na hora de quebrar o preconceito e abrir as portas do conhecimento, do acesso à informação para que todos conheçam que a Cannabis não é uma droga, mas sim uma substância que oferece benefícios inquestionáveis para aqueles que adotam ela como tratamento. Há 40 anos foi realizada a primeira pesquisa clínica que testou a Cannabis em pacientes e por coincidência aconteceu no Brasil, pelo Professor Carlini. Isso ficou parado no tempo porque não houve interesse das grandes farmacêuticas em produzir mais pesquisas e comercializar produtos e medicamentos canabinoides, já que o processo de lucro se dá por patente, ou seja, com exclusividade das vendas por um determinado período. Com plantas, esse processo de exclusividade não acontece e conseqüentemente os grandes lucros também não. Porém, o que vemos hoje é que não se consegue mais parar a repercussão e o impacto positivo do uso deste medicamento em diversos tratamentos, no bem-estar e na qualidade de vida de milhares de pessoas do mundo todo (Galvão, 2018).

As implicações comerciais e econômicas do mercado de Cannabis medicinal são enormes, assim como seu impacto terapêutico que até agora tem sido limitado por restrições em estudos clínicos. A história plurimilenar do uso medicinal da Cannabis nos ensina tudo o que devemos saber sobre seu potencial farmacológico e as patologias que

se beneficiaram principalmente com sua aplicação. Tudo o que devemos fazer agora é investir nossos esforços em pesquisas informativas, coletando dados mais estatisticamente significativos e evidências científicas conclusivas sobre seus benefícios médicos e efeitos negativos. Por este motivo, grandes e robustos ensaios clínicos randomizados sobre Cannabis e canabinoides em várias patologias, realizados de acordo com padrões consolidados e métodos apropriados, são cada vez mais necessários no futuro próximo (Galvão, 2018).

A Cannabis na Covid-19

A Cannabis, graças a políticas mais permissivas em todo o mundo, está agora vivendo uma nova era de ouro. O tema é de alta relevância para a saúde pública, econômica, social e ambiental (Galvão, 2018). A maior difusão dos produtos medicinais, cosméticos e nutracêuticos da Cannabis deve-se certamente a um renascimento de como cuidar de nós mesmos de uma forma mais natural. O negócio da maconha está explodindo em todo o mundo. Por esse motivo, regulamentações específicas são necessárias para prevenir perigos à saúde e proteger grupos de pessoas em risco, como crianças (Galvão, 2018). A capacidade dos fitocannabinoides de ajudar a modular o sistema imunológico foi o que levou pesquisadores dos Estados Unidos, Israel, Canadá e Brasil a investigar independentemente se o canabinoides poderiam ser úteis para suprimir tempestades de citocinas e síndrome da angústia respiratória aguda (SARA) desde o início da pandemia (Macbride, 2021).

Israel, que é pioneiro na pesquisa da cannabis medicinal, há muito tempo abriga cientistas que estudam como o canabidiol (CBD) afeta várias reações inflamatórias. Em particular, pesquisadores do Instituto Volcani de Israel, uma organização de pesquisa agrícola, analisaram as propriedades medicinais de diferentes fitocannabinoides e terpenos (Macbride, 2021). Pesquisadores em Israel e Canadá também estão se esforçando para determinar se a cannabis pode mitigar tempestades de citocinas. Em novembro de 2020, pesquisadores canadenses anunciaram na revista *Aging* que algumas cepas dominantes do CBD da cannabis podem amortecer citocinas pró-inflamatórias. Enquanto isso, em janeiro de 2021, pesquisadores israelenses anunciaram na revista *Nature* que alguns tratamentos de CBD podem reduzir a inflamação pulmonar (Macbride, 2021).

Atingir tempestades de citocinas e SARA é sábio, pois o desenvolvimento pode levar aos piores casos de Covid-19. Embora mais testes clínicos precisem ser feitos, especialistas enfatizam que um tratamento eficaz para respostas imunes hiperativas e com relativamente poucos efeitos colaterais para inicializar, pode ser um divisor de águas. Embora a existência de vacinas eficazes e programas de vacinação robustos possa fazer com que o fim da pandemia pareça estar sob controle, ainda precisamos desesperadamente de tratamentos mais eficazes que possam ajudar a prevenir casos graves de Covid-19 (Macbride, 2021).

À medida que novas variantes se enraizaram, a corrida para vacinar as pessoas contra o Covid-19 continua em ritmo acelerado (Macbride, 2021). Gloriosamente, dados iniciais sugerem que pelo menos algumas das vacinas são eficazes até certo ponto contra certas variantes do vírus e que todas as vacinas previnem doenças graves. Mas as variantes dizem uma verdade preocupante. Quanto mais transmissível um vírus é para começar, maior a probabilidade de desenvolver variantes. Variantes podem ser muito mais transmissíveis do que o vírus inicial (Macbride, 2021).

O Proibicionismo e Preconceito

O proibicionismo começa no início do século XX e é pautado em argumentos xenofóbicos e racistas. A mídia sempre teve um papel fundamental para reforçar alguns estigmas e validar o proibicionismo. Desde então, essa política serve como mecanismo de controle social. A própria guerra às drogas funciona como um aparato de controle social, político e industrial (Romero, 2021).

A luta contra o racismo e a luta pela transformação social para a construção de uma sociedade melhor passa necessariamente pela luta contra o racismo na sua dimensão estrutural sendo necessário, renunciar a privilégios para ser efetivo, assim como o machismo, pela condição privilegiada estruturalmente nas relações sociais, políticas e econômicas, percebemos claramente, como o racismo é fundamental para todas as formas de exploração econômica (Almeida, 2016). Na população carcerária a maioria está presa por tráfico de drogas e isso seria uma maneira clara de desafogar esse sistema torturador que temos no Brasil. A única pessoa que não consegue maconha hoje em dia é quem precisa dela, para fins medicinais (Ribeiro, 2021).

Esses últimos 90 anos, são uma janela horrível para a evolução da relação do ser humano com essa planta, que já fez tantas coisas positivas quando pode utilizá-la livremente. A relação da humanidade com a Cannabis sempre foi uma relação positiva e que teve uma série de usos, sobretudo usos medicinais e nesse momento, continua refém dessa ideia distorcida e dessa reserva de mercado doentia. Desde a década de 30 esse racismo segregador, esse moralismo retrógrado, continua vigente e estamos assistindo todas essas pessoas e as famílias sofrerem ante essa barreira ignorante que já deveria ter caído há muito tempo ou melhor nem deveria ter sido levantada (Emicida, 2021).

A maconha está para a medicina do século 21 assim como os antibióticos para o século 20. Existem muitos negacionistas da maconha medicinal no Brasil, mas isso está mudando porque os pacientes e seus familiares estão exigindo serem tratados com o que tem de melhor. Muitas vezes o que tem de melhor não é o canabinoide puro, que é caro, mas um extrato de amplo espectro de uma planta que é muito mais barata e que tem potencialidades terapêuticas, chamado efeito comitiva, um efeito sinérgico, de cooperação química entre diferentes canabinoides e fitocompostos. Por exemplo, a combinação de THC (tetrahydrocannabinol) com CBD é extremamente terapêutica. O CBD reduz alguns dos efeitos adversos do THC e permite que os efeitos benignos estejam presentes. É muito interessante porque são duas moléculas praticamente idênticas, a diferença é uma ligação que faz com que ela se torne fisiologicamente quase que opostas, então uma equilibra a outra (Ribeiro, 2021).

A burocracia para conseguir a Cannabis no Brasil ainda é complicada e os valores são altos, mas isso já é possível e cada vez mais, surgem associações com o objetivo de tornar o acesso da Cannabis mais democrático. A Associação Brasileira de Pacientes de Cannabis Medicinal (AMA+ME), a Canabiologia Pesquisa e Serviços (Canapse) e a Sociedade Brasileira de Estudos Cannabis (SBEC) são exemplos de associações importantes para o ativismo brasileiro. Visam a questão científica da Cannabis. Outras associações como a Abrace e a Associação de Apoio à Pesquisa e a Pacientes de Cannabis Medicinal (APEPI) têm permissão para cultivar Cannabis. O objetivo geral dos coletivos é produzir e lutar pelo acesso da maconha medicinal, com o controle de qualidade adequado e baixo custo. O tratamento de algumas doenças com a Cannabis medicinal mudou a vida de algumas famílias no Brasil. As fundadoras da APEPI são mulheres e mães, que enfrentaram o desafio diário de controlar as crises e convulsões dos seus filhos com remédios convencionais. Atualmente, essas mães tratam seus filhos

com óleo dos canabinoides extraídos da Cannabis e observam um resultado muito melhor no tratamento das convulsões e na qualidade de vida dos filhos. Com o passar dos anos a luta por uma política de drogas mais justa no Brasil ganhou várias batalhas. O direito de se manifestar foi o pontapé inicial, mas a possibilidade de usar a Cannabis como medicina para diferentes doenças e sintomas é a maior conquista da década. A caminhada por leis mais justas ainda é longa (Romero, 2021).

É importante a divulgação de informações confiáveis sobre o tema, apoiadas em bases científicas, tanto para capacitação dos profissionais de saúde envolvidos com atividades de prescrição e dispensação dos produtos e medicamentos obtidos a partir da Cannabis e o acompanhamento dos pacientes, com ênfase na importância de se promover o uso racional, para os próprios pacientes e para a população em geral, na forma de campanhas educativas, assim, como fortalecer as atividades de monitoramento pós-mercado e farmacovigilância dos produtos já disponíveis, possibilitando a construção de bancos de dados com informações que teriam o potencial de apoiar o aprimoramento da base de conhecimentos referente ao uso medicinal dos produtos obtidos a partir da espécie (Anvisa, 2023, pp.41- 42).

A Canapse pesquisa, também, outras substâncias psicotrópicas controladas que podem apresentar potencial terapêutico. Psilocibina, DMT, LSD e outros compostos naturais de interesse científico, assim como a Cannabis, sofrem com a barreira jurídica, política, burocrática e moralista (Ribeiro, 2021). O proibicionismo afasta a ciência e a medicina dos usos terapêuticos das drogas ilícitas, pune a sociedade, alimenta uma guerra, na qual só os mais fracos morrem e não acaba com a existência das drogas, muito menos com o seu uso problemático. A política de Redução de Danos traz uma perspectiva e uma possibilidade de lidar com as drogas e seus usuários de uma forma diferente, com um olhar mais humano. O uso problemático de drogas deve ser cuidado e compreendido como uma questão de saúde pública, não de segurança. As drogas vão existir e é necessário que haja uma regulamentação das substâncias para o uso medicinal, religioso e recreativo. O mercado regulamentado é vantajoso para todos os pilares. Os usuários têm acesso a uma substância mais segura e de mais qualidade, o paciente pode tratar suas enfermidades sem problema, de forma acessível e gratuita e o Estado pode faturar muito com impostos, além de conseguir controlar quem são os usuários e evitar que, principalmente, crianças e adolescentes façam o uso indevido de substâncias (Romero, 2021).

O país ainda não conseguiu regulamentar coisas básicas como o direito ao cultivo em casa ou em associações e cooperativas, a disponibilidade de canabinoides para pesquisa, e continua agredindo a população por comercializar remédios. Então é preciso realmente legalizar, regulamentar o uso medicinal da maconha imediatamente porque a população sofre muito. Inclusive em relação à Covid, onde houve um aumento muito grande do consumo de maconha, não só aqui, mas em diferentes países do mundo, só que em um ambiente de proibição, então com muitos danos farmacológicos e sociais aos usuários. Isso precisa mudar (Ribeiro, 2020).

Milhões de brasileiros, com diferentes doenças, podem se beneficiar da maconha medicinal. As cadeias de medicamentos, fitoterápicos e produtos do cânhamo industrial abrem um leque de oportunidades e inovação nas linhas de produtos para humanos e animais, bem como de produtos industriais com perspectivas promissoras no mercado interno e mundial. A indústria manipula nossos legisladores, falsos moralistas, onde visam apenas o lucro e negam o acesso a população, a essa planta, visando um monopólio doentio dos compostos isolados desta planta, a um custo inacessível a grande maioria, sendo o cânhamo, um gênero da planta sem efeitos entorpecentes, não condizente com a fala proibicionista.

O mundo já vinha saturado de emoções negativas e de problemas em que a pandemia veio para ressaltar uma série de pontos frágeis. Muitos problemas que precisamos lidar tem a ver com as situações de desigualdade profundas, crises migratórias, extremismos, regimes autoritários e tantas outras atrocidades. Estamos lidando com uma série de ondas que nos obrigam às adaptações, às novas rotinas, com impacto psicológico importante. A infecção por COVID-19 é vivida como uma ameaça a vida do indivíduo e de seus entes queridos, além de vivenciar privações e perdas com interferências nos hábitos de vida. Nessa situação em que estamos vivendo da pandemia pelo COVID-19, existe uma sensação de ameaça persistente.

O assunto da morte tem sido constante. Esse clima de tensão gerado pela pandemia somado às dificuldades de se colocar em prática os mecanismos de proteção, como o distanciamento e o isolamento do convívio social, leva ao adoecimento psíquico tanto no âmbito individual como na esfera populacional. A pandemia de COVID-19 nos mostrou mais uma vez o quão conectadas e frágeis nossas sociedades realmente são, nos levando a valorizar ainda mais a natureza e os ecossistemas que sustentam toda a vida na Terra. O melhor momento para evitar a próxima pandemia é agora, mas é também

uma oportunidade de ouro para continuar nossa luta social e ambiental, desenvolvendo reparações na produção de alimentos, medicamentos, bem-estar e direitos humanos.

Poema do Fim

Uma homenagem ao meu saudoso avô, um mestiço de índio com negro, que em sua vida aplicou terapias com ervas medicinais como boticário, foi poeta, político, pintor, onde muito me inspira, e reproduzo um trecho do Poema do Fim, de sua obra *Vozes do Infinito*, nunca publicada.

Tentei estudar a fisiologia do coração humano,
 Procurei a célula da amizade, mas não a encontrei
 Fora absorvida pela hipocrisia...
 A misericórdia usa punhais!
 Pedi sorrisos, e recebi lágrimas!
 Busquei luz, e me deram trevas!
 Implorei descanso, e me concederam lutas!
 Procurei amor e achei ódio!
 Onde esperei piedade, ouvi o troar dos canhões!
 Há na alma do homem
 O silêncio bolorento das alcovas duvidosas...
 E os suspiros das virgens,
 De quase todas,
 Estrangularam-se nas garras da “Nova Era”
 A voragem ferosa da ganância
 Engoliu a inocência do saber!
 O demônio da indolência
 Adulterou-se com o trabalho!
 A mentira do poder
 Anuviou a beleza do merecimento!
 A hipocrisia e a vaidade,
 A bajulação e a covardia,
 Abraçadas aos interesses mesquinhos,
 Assassinaram a verdadeira glória!
 Não mais existe o valor do Valor!
 Somente o Ser ainda existe,
 Porque o homem é o grande destruidor!
 Ah! Mas quando ele “tiver sido” o Homem,
 Então horrorizado, cantará comigo o Poema do Fim.

— *Manoel da Rocha Filho*

Referências

- Almeida, S. (2016, setembro). *O que é racismo estrutural?* <https://www.youtube.com/TVBoitempo>
- Alonso, W. J., & Paim, C. S. (2020). *Pandemias, saúde global e escolhas pessoais*. Cria Editora.
- Coelho, J. (2020, abril). *O desafio da pandemia é uma chance de ascensão espiritual*. *Jornal Estado de Minas*.
- Daszak, P., Olival, K. J., & Li, H. (2020). *A strategy to prevent future epidemics similar to the 2019-nCoV outbreak*. *Biosaf Health*. <https://doi.org/10.1016/j.bshealth.2020.01.003>
- Emicida. (2021, abril). *Cannabis: Uma dose de informação*.
- Galvão, M. (2020, julho). *Debate Cannabis medicinal com mais de 15 especialistas das áreas de saúde e direito*.
- Gomes, S. (2020, outubro). *Coronavírus: Como a espiritualidade vê o momento planetário*, *O Tempo*.
- Gray, S. (2016). *Cannabis and spirituality: An explorer's guide to an ancient plant spirit ally*. Editora Park Street.
- Kapkin, S. (2016, março). *La historia de cuando Jesús usó marihuana para hacer sus milagros*. https://www.vice.com/es_co/article/nnpd7b
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.
- Luz, P. (2014, agosto). *A história do uso cultural e espiritual da cannabis*.
- Macbride, K. (2021, abril). *Covid-19 and CBD: Why scientists are excited about the possibilities*. <https://www.inverse.com/mind-body/cbd-coronavirus-treatment>
- Martins, D. (2021, maio). *O clima não está de brincadeira*. <https://www.greenpeace.org>
- Pomari, C. (2018). *Espiritualidade e maconha: Uma experiência pessoal*. Botânica.
- Relatório do e-Participa (2022). *Produtos de cannabis para fins medicinais*. Gerência de Medicamentos Específicos, Notificados, Fitoterápicos, Dinamizados e Gases Medicinais. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. EP nº 01/2022.
- Ribeiro, S. (2021, março). *Sonho, memória e maconha*. <https://revistatrip.uol.com.br>
- Romero, M. F. (2021). *Quem ganhou a guerra às drogas?*. Publicação independente.
- Rosato, R. (2021, fevereiro). *O Futuro, a reconexão com o passado e como as novas tecnologias validam o conhecimento ancestral*. <https://sechat.com.br>
- Silva, A. B. B. (2003). *Mentes inquietas*. Editora Napades.
- Tollefson, J. (2020). Why deforestation and extinctions make pandemics more likely. *Nature*, 584, pp.175-176.